



¹A VALORIZAÇÃO DOS SABERES TRADICIONAIS DOS POVOS DO CAMPO EM DIÁLOGO COM O MEIO AMBIENTE: ANÁLISE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO BAIXO ITACURUÇÁ. ABAETETUBA/PA.

Autor: Laércio Farias da Costa

Mestrando em Educação e Cultura (UFPA/Cametá)

Universidade Federal do Pará-Cametá, laerciofariasc@gmail.com

Orientador: Prof. Dra. Mara Rita Duarte de Oliveira

Doutora em Educação Brasileira (UFC)

Universidade Federal do Pará-Abaetetuba, mararitudarteufpa@gmail.com.

Resumo

A presente pesquisa com o tema “A valorização dos saberes tradicionais dos povos do campo em diálogo com o meio ambiente: Análise da comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá. Abaetetuba/Pa” apresenta-se com a proposta de compreender se o papel da memória coletiva e das histórias orais dos guardiões da memória, representados pelos líderes da comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá (Abaetetuba/Pa), pressupõe a valorização dos saberes tradicionais em diálogo com o meio ambiente, na medida em que se torna perceptível suas formas de organização. De modo a entender o contexto histórico da localidade e as relações que lá são estabelecidas. O Trabalho será subsidiado por dispositivos legais, a fim de legitimar a defesa de tais saberes. Como aporte teórico base para a pesquisa, temos: Bosi (2003), Thompson (2014), Martins (1999), Pollak (1989) e Geertz (2014), autores que dão base para a compreensão do estudo de história oral, memória, saberes tradicionais, biodiversidade e meio ambiente. Visto que a pesquisa, inicialmente, baseia-se na memória e seu papel na dinâmica de valorização dos saberes tradicionais, bem como artifício para compreender as formas de organização das Instituições e os saberes e práticas presentes na localidade. Nesta perspectiva, utiliza-se: Diegues (2000), Michelotti (2008), Frigoto (1993), Freire (1981) e Haje (2006). Referências que irão oportunizar a compreensão acerca das formas organização e suas influências na ótica econômica e socioambiental, em interlocução com as dimensões cultural e natural do lócus de pesquisa.

Palavras-Chave: quilombola. saberes tradicionais. Valorização. formas de organização. meio ambiente.

Introdução

O interesse pelo tema acerca da valorização dos saberes tradicionais dos povos do campo nasce a partir de minha formação acadêmica enquanto graduado em Licenciatura em Educação do Campo e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) Diversidade UFPA, nestas nuances, percebo a importância da valorização dos saberes tradicionais dos povos camponeses, pois o conhecimento secular que esses povos possuem sobre o meio ambiente e transmitem de geração em geração é fundamental para valorização da memória dos povos tradicionais, em especial na Amazônia.

¹ Programa de Pós Graduação em Educação e Cultura (UFPA/Cametá)



Neste sentido a pesquisa objetiva, inicialmente, analisar as formas de valorização dos conhecimentos tradicionais, em diálogo com o meio ambiente, da comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá, e em que medida esses saberes tem sido transmitido de geração em geração através da memória coletiva e das histórias orais dos guardiões da memória, lideranças, da comunidade.

O Rio baixo Itacuruçá situa a comunidade quilombola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na região das ilhas de Abaetetuba, estando a mesma, portanto, localizada entre os rios Arapapu e Piquiarana. Para percorrê-lo da *urbis* à comunidade, leva-se em torno de uma hora e consta em dados oficiais que a referida comunidade possui aproximadamente 126 famílias, ocupando relevante papel nas relações econômica e sociais do município.

Sendo o lócus de pesquisa, uma comunidade quilombola, é necessário reconhecer a história dos quais os antecederam e entender suas influências que, eventualmente, a comunidade venha a carregar consigo. Nascimento (1980) nos ajudar a entender o Quilombo como um movimento amplo e permanente que se caracterizou pelas vivências de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização sócio-econômico-política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural.

A proposta percebe que para percorrer os caminhos da investigação, faz-se necessário pensar a relação entre a proteção ambiental, dispositivos jurídicos, e a transmissão de saberes de geração em geração na comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá, a partir da constatação de que muitas dessas áreas, habitadas por “populações tradicionais”², com o avanço do capital, passaram a estar sujeitas à impactos socioambientais, alienados pelo modelo de produção capitalista. E por esta ótica, torna-se relevante a pesquisa na intenção de se destacar as influencia que a presença da comunidade a partir de sua regência e relação ambiental, por meio de seus saberes e práticas, ocasiona em seus territórios. Deste modo, mostra-se importante como elemento da pesquisa, o subsídio por parte dos dispositivos legais que deem suporte legítimo para a discussão. Trazendo como dispositivos centrais para o debate, o artigo 3º do decreto 118/2002, que conceitua conhecimentos tradicionais; o Decreto

² No Brasil, o decreto n.º 6.040/2007 refere-se ao termo populações tradicionais como: I – Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).



4887/2003, editado pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e que permitiu o reconhecimento e demarcação de terras tradicionalmente ocupadas por quilombolas e o decreto 6.040/2007 que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

Com a clareza de que a maioria das populações tradicionais está intrinsecamente ligada à luta pela terra, porém, ainda estão submetidos às exigências e aos critérios de inclusão de dispositivos legais impostos pela esfera do estado, que de muitas formas criam estratégias controladoras das lutas camponesas, com o objetivo de esvaziarem os conteúdos próprios de suas práticas culturais tradicionais de suas trajetórias históricas na região amazônica. A ocupação do território e a garantia de modos de vidas e da valorização do conhecimento tradicional³ reflete profundamente na forma de organização das populações quilombolas, que tem na terra sua forma de produzir e reproduzir suas relações sociais e econômicas, tendo em vista sua suposta subordinação, por meio de um caráter político administrativo, através de um sistema que ventila sua ideologia materializada em um projeto político pedagógico, tomando como base, o conhecimento científico, hipoteticamente, implementado na comunidade. Diegues (2000) nos ajuda a compreender este processo advogando que “O meio ambiente é objeto de conhecimento, de domesticação e uso, fonte de inspiração para mitos e rituais das sociedades tradicionais e, finalmente, mercadoria nas sociedades modernas”. Busca-se então compreender as formas de organização da comunidade na perspectiva da valorização dos saberes tradicionais na comunidade, identificando as formas, que essas populações buscam para sobreviver e incluir-se neste processo de modernidade proposta pelo desenvolvimento capitalista. Desvelando, eventuais, modelos de resistência às formas de organização produtiva do capital, em que os guardiões da memória assumem importante papel de valorização cultural, ao possuírem experiências e vivências nas relações diferenciadas com o trabalho.

Assim, Frigoto (1996) parte do pressuposto postulado por Marx “O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral (e que) não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, é seu social, inversamente que determina sua consciência”. Analisa ainda as categorias básicas (homem, trabalho e modo de produção da existência) buscando mostrar a especificidade do modo de produção capitalista. Especialidade esta

³ São conhecimentos tradicionais os elementos intangíveis associadas à utilização comercial ou industrial das variedades locais e restante material autóctone desenvolvido por populações locais, em coletividade ou individualmente, de maneira não sistemática e que se inserem nas tradições culturais e espirituais dessas populações (...)(artigo 3º do decreto 118/2002).



que se define, basicamente pela cisão do homem em relação as suas condições objetivas de produção da existência mediante o surgimento da propriedade privada e pela estruturação de um modo de produção da existência, onde se produz para o lucro e não para satisfazer as necessidades humanas.

Para realizarmos esse empreendimento de investigação, optamos por trabalhar com a história oral em uma abordagem qualitativa, destacando o cotidiano dos sujeitos entrevistados. É preciso lembrar também, como já fora afirmado anteriormente, que na maioria das memórias existem marcos, ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. POLLAK (1992, p. 201-203), ao falar sobre os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva, destaca quatro: 1. Acontecimentos vividos pessoalmente; 2. Acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer; 3. Pessoas, personagens; 4. Lugares da memória ligados a uma lembrança. Em suma, a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A partir da metodologia, visando manter a veracidade das falas das pessoas entrevistadas no processo de pesquisa de campo, dessa forma, fazendo a transposição da forma oral para a escrita, pois falar próximo as pessoas as coloca num campo de significados. O relato de experiência das memórias dessas pessoas, os guardiões e guardiãs da memória coletiva da comunidade, constitui-se fator importante para nossa pesquisa, são histórias construídas ao longo da vida, a partir de um cotidiano muitas vezes corriqueiro, mas sempre relevante.

Para isso, optou-se pelo trabalho de campo, pois se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo. Portanto, ao discutirmos as questões relacionadas a proteção da floresta e dos conhecimentos tradicionais dos povos do campo, faz-se necessário problematizar as condições de vida desses povos e suas formas de organização. Também, considerar a memória coletiva os conhecimentos ou saberes tradicionais associados à biodiversidade, os conhecimentos locais, as práticas artesanais que os quilombolas utilizam a partir da biodiversidade local. Com este exercício de valorização da memória coletiva da comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá para valorizar a tradição e a permanência dos saberes culturais desses povos através da memória dos guardiões da memória.

A partir das hipóteses destacadas, propõem-se como problema de pesquisa, quais saberes e práticas marcam as estratégias de fortalecimento da cultura, de modo a contribuir efetivamente para a preservação da memória coletiva na comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá? Nesta



perspectiva, como suporte, a pesquisa busca estar a par acerca dos dispositivos legais, no que tange a biodiversidade amazônica, que subsidiem o reconhecimento e valorização da comunidade quilombola, por conseguinte de seus saberes tradicionais.

Considerações Provisórias

Com o amadurecimento do debate, é possível constatar que para empreender um trabalho que objetiva analisar os saberes tradicionais, sua dinâmica de atualização em meio às representações sociais que permeiam a comunidade, torna-se imprescindível a análise conjuntural para sua organização, as influências do meio externo em diálogo com a percepção dos sujeitos, munidos de conhecimentos técnicos e dispositivos legais que subsidiem a defesa do reconhecimento de tais saberes e práticas, e então pontuar a viabilidade de valorização dos conhecimentos para mediar a relação harmônica e rentável entre sujeito, meio ambiente e sociedade.

Portanto, torna-se de elementar importância mediatizar o diálogo através da compreensão das suas formas de organização, defendendo a tese de que os povos tradicionais são sujeitos da história, de sua própria história. Como dialoga Freire (1981) “Uma história não se constrói no vazio, mas em sociedade, em que homens e mulheres se mostram capazes de “ser mais”, mais humanos, e de superar qualquer situação de desumanização”. E que a opressão sistêmica que possa vir a estagnar a valorização do saber local, deve ser combatida por meio da consciência e emancipação dos sujeitos.

Geertz (1995) diz que “nossa consciência é moldada em doses iguais por outros, em qualquer outra parte do mundo, têm das coisas, e pela maneira como estas coisas se nos apresentam aqui e agora, onde estamos”. Daí a importância de equilíbrio quanto a passividade de absorção de culturas impostas de modo coercitivo:

A instabilidade que tudo isso introduz em nossas vidas morais (para não dizer o que faz com nossa autoconfiança epistemológica) explica, a meu ver, grande parte dessa sensação que nos persegue de estar acreditando em coisas demais ao mesmo tempo. Explica também nossa preocupação intensa em saber se sequer estamos em uma situação adequada, ou se podemos de alguma forma nos posicionar em uma situação adequada, para julgar outros modos de vida. (Geertz, 1995, p. 09).

Deste modo, a organização nas instituições que se apresentem na comunidade, sejam elas, escola, família, igreja e demais formas de relação social. Precisam estar centradas, no sentido de mediatizar a valorização e ressignificação da cultura local, para respeitar os direitos humanos em harmonia com o meio ambiente, e não seja conivente com ideais adversos tornando-se aparelhos ideológicos hegemônicos. Pois para que se constituam sujeitos conscientes e emancipados, é



necessário que haja uma conscientização, não podendo, portanto, acontecer isoladamente. O homem é um ser social e por isso, a consciência e transformação do meio deve acontecer em sociedade.

1. Referências

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: Lembranças de velhos. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 47.

DIEGUES, Antonio Carlos. O mito moderno da natureza intocada. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. DIEGUES, Antonio Carlos Santana (org.). Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. São Paulo: NUPAUB-USP; PROBIO-MMA; CNPq, 2000.

POLLAK Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 09.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981.

FRIGOTTO, G. A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. 4ª ed. São Paulo, Cortez, 1993.

Geertz, Clifford. O saber Local: Novos Ensaio em Antropologia Interpretativa. 14. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. – (Coleção Antropologia).

HAGE, Salomão Mufarrej. Por uma Educação do Campo na Amazônia: currículo e diversidade cultural em debate. IN: CORRÊA, Paulo Sérgio de Almeida (ORG.). A Educação, o Currículo e a Formação dos Professores. Belém, EDUFPA, 2006. 17. Pp

MARTINS, José de Souza Martins. *A sociabilidade do homem simples*: Cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

Michelotti, Fernando. Educação do Campo: reflexões a partir da tríade Produção - Cidadania – Pesquisa. IN: SANTOS, Clarice Aparecida dos (Org.). Educação do Campo: campo- políticas públicas – educação. Brasília: INCRA; MDA. 2008. Coleção Por Uma Educação do Campo Vol. 7. (p. 56 – 62)

OLIVEIRA, Mara Rita Duarte de. Memória e resistência na universidade. In: Augusto Sarmiento-Pantoja, et. al. (Org.). Memória e resistência: percursos, histórias e identidades. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012, p. 176.

POLLAK Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 09.

Disponível em < <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/08/15/stf-julga-amanha-acao-do-dem-contra-quilombolas/>> acesso em 04 de outubro de 2017.